

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

CATARINA SIQUEIRA FIGUEREDO

**ARTE E GÊNERO: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES NA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES VISUAIS**

CRICIÚMA

2015

CATARINA SIQUEIRA FIGUEREDO

**ARTE E GÊNERO: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES NA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Licenciatura no curso
de Artes Visuais da Universidade do Extremo
Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Viviane Kraieski de Assunção

CRICIÚMA

2015

CATARINA SIQUEIRA FIGUEREDO

**ARTE E GÊNERO: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES NA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia Social - (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora em Ciências da Linguagem -
(UNESC)

Prof^a. Letícia de Britto Cardoso – Mestre em Poéticas Visuais - (UNESC)

**Às mulheres da minha vida, minha mãe,
Maria Jadina, e minha avó, Maria do Carmo,
com todo o meu carinho e admiração.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo caminho a qual estou percorrendo e por poder encontrar nele anjos aos quais quero agradecer.

A minha mãe, Maria Jadina, por toda sua dedicação, atenção e amor incondicional durante esses vinte e um anos.

Agradeço também a outras duas mulheres importantes em minha vida, minhas avós Maria do Carmo e Bianca.

Agradeço também ao meu pai, João, que mesmo permanecendo um bom tempo longe, fazia-se presente nos momentos necessários.

Quero agradecer também ao Willian, companheiro de todas as horas que me deu apoio e amor em cada gesto seu.

Às minhas amigas e companheiras de curso Aline, Silvana, Halbertina e a todos meus colegas, com quem compartilhei quatro anos importantes.

A minha orientadora, Viviane, por ter aceitado o meu convite, por compartilhar comigo seu conhecimento e sabedoria, por sua paciência e apoio.

Às professoras da banca examinadora, por aceitarem o meu convite e por, ao longo do curso, terem contribuído para minha formação.

Aos acadêmicos da sexta e oitava fase do segundo semestre de 2015 e professores e professoras do Curso de Artes Visuais, por acreditarem nesta pesquisa e contribuírem para que ela pudesse ser realizada.

Agradeço também à instituição Bairro da Juventude, principalmente aos alunos e alunas que lá estudam, pois me ensinaram que para ser professor é necessário conhecimento, amor ao próximo e paciência. Agradeço também ao PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do qual eu tive o prazer de fazer parte.

A todos e à todas, o meu Muito Obrigada!

Claro que arte não tem gênero, mas artistas têm.

Lucy Lippard

RESUMO

A presente pesquisa é intitulada “Arte e Gênero: a produção de artistas mulheres na formação de professores e professoras de artes visuais”. Insere-se na linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Esta pesquisa é de natureza básica, e se caracteriza por uma abordagem qualitativa. Parte do seguinte problema: “Os alunos de Artes Visuais Licenciatura se apropriam da arte produzida por mulheres e isso tem reflexo na sua formação?”. Sendo assim, o objetivo deste estudo é de investigar se os alunos de Artes Visuais Licenciatura se apropriam da arte produzida pelas mulheres e isso tem reflexo na sua formação. Para essa investigação, utilizo-me de dois instrumentos de pesquisa: o questionário e a entrevista. Os questionários foram aplicados com vinte e três acadêmicos do Curso, sendo dez da oitava fase e treze da sexta fase. Foram feitas também entrevistas semiestruturadas com nove professores do curso de Artes Visuais. A investigação desse trabalho é teoricamente fundamentada por um estudo bibliográfico sobre o movimento feminista, a presença das mulheres artistas na história da arte e questões que envolvem gênero e educação. No decorrer deste estudo, estabeleço um diálogo com autores como Barbosa (2010), Loponte (2005 e 2008) e Coutinho e Loponte (2015) quando trato das relações entre o movimento feminista, a produção de mulheres artistas e a educação, Scott (1989) e Carvalho e Rabay (2015) quando me refiro ao conceito de gênero, seus usos e incompreensões, e também Beauvoir (1980) para abordar a figura da mulher como sujeito político e ativo na sociedade. A análise das entrevistas e dos questionários revelou que, para a maioria dos discentes e docentes, as discussões sobre gênero e arte são atuais e necessárias para combater o preconceito. Porém os sujeitos de pesquisa afirmaram ainda ter muitas dúvidas sobre o que significa o conceito de gênero e como abordar este tema em sala de aula. A partir desta pesquisa, surgiu a criação de uma proposta de curso intitulada “Arte e Gênero: Reflexões e Experimentações”, que é destinado aos discentes do curso de Artes Visuais, a fim de promover momentos de discussão, ampliação de repertório e experiências artísticas.

Palavras-chave: Artes Visuais. Gênero. Movimento feminista. Artistas mulheres. Ensino de Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Intervenção artística realizada na disciplina de Performance e Intervenção no primeiro semestre de 2015.....	12
Figura 2 – O jantar, Judy Chicago, 1974-79.....	25
Figura 3 – Do Women Have to Be Naked to Get Into the Met Museum? 1989, Guerrilla Girls	26
Figura 4 – Your comfort is my silence, 1981, Barbara Kruguer.....	27
Figura 5 – Marilyn, 2009, Joana Vasconcelos.....	28
Figura 6 – Ninguém, 1992, Leonilson.....	29
Figura 7 – Autorretrato com Cabelo Curto, 1940, Frida Kahlo.	30
Figura 8 – Sem título #198, de 1989, Cindy Sherman.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Você sabia que a diversidade de gênero é um dos assuntos a serem debatidos e compreendidos no ambiente escolar?	32
Tabela 2 – Você sabe do que tratam os estudos sobre gênero?	33
Tabela 3 – Você já presenciou debates e discussões sobre gênero em alguma disciplina do curso de Artes Visuais?	34
Tabela 4 – Você considera importante que o curso aborde discussões sobre arte e gênero?	34
Tabela 5 – Disciplinas nas quais os acadêmicos percebem a inclusão de produção de arte de artistas mulheres	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS	14
2 METODOLOGIA	16
3 O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO	19
4 A ARTE E O MOVIMENTO FEMINISTA	23
5 GÊNERO E EDUCAÇÃO	33
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
6.1 AS PERCEPÇÕES E OS OLHARES DOS ACADÊMICOS E ACADÊMICAS	38
6.2 AS PERCEPÇÕES E OS OLHARES DOS PROFESSORES E PROFESSORAS	44
7 PROPOSTA DE CURSO: ARTE E GÊNERO: REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES	51
7.1 EMENTA	51
7.2 CARGA HORÁRIA	51
7.3 PÚBLICO-ALVO	51
7.4 JUSTIFICATIVA	51
7.5 OBJETIVO GERAL	52
7.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	52
7.7 METODOLOGIA.....	53
8 CONSIDERAÇÕES	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE(S)	63
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS/AS ACADÊMICOS/AS DA SEXTA E OITAVA FASE DO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA	64
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM OS/AS PROFESSORES/AS DO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA	66
ANEXO(S)	67
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO - USO DE FALAS E ESCRITAS	68
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO - USO DE FALAS E ESCRITAS	69

1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo de ingressar na universidade, a desigualdade entre homens e mulheres era algo que me incomodava. Não era claro para mim o porquê de algumas pessoas acreditarem que havia funções masculinas e funções femininas. Ao escolher o curso universitário, acabei ouvindo alguns comentários de que a minha escolha estava certa porque a profissão certa para mulher era a de ser professora. Ao ouvir isso, coloquei-me a pensar sobre o que define uma “profissão masculina” ou uma “profissão feminina” e, além disso, passei a refletir sobre o que “normatizava” as escolhas e ações de homens e de mulheres.

No ano de 2012, ingressei na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, mais precisamente no curso de Artes Visuais – Licenciatura. Ao começar o curso, minha visão do que era arte ainda estava focada apenas nas linguagens artísticas clássicas. Durante os quatro anos de formação, alguns eventos e aulas tornaram minhas ideias mais críticas e seletivas em relação a diversos temas. Nestes anos de graduação, alguns fatos me fizeram refletir sobre gênero e arte. Um deles foi a ausência de produções artísticas de mulheres, percebida por mim, nas disciplinas que envolviam a história da arte. Outro fato foi a visita ao Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, onde estava sendo exposta uma série de fotografias pessoais da artista Frida Kahlo. Nesta exposição, acabei por me sentir envolvida pela história pessoal da artista e, a partir deste momento, comecei a me interessar pela produção de arte de mulheres e, mais precisamente, pelas histórias destas mulheres artistas.

A princípio, meu interesse sobre a produção de arte de mulheres surgiu por me identificar com as lutas por reconhecimento, espaço e autonomia ao longo da história. Durante estes quatro anos de formação, dois filmes fizeram-me refletir sobre a presença de mulheres artistas na história da arte e suas relações com o gênero masculino. O primeiro foi o filme *Frida*¹, que, além de contar a história pessoal da artista, narra também sua relação com o artista e companheiro Diego Rivera, além de seus relacionamentos homoafetivos. O filme também traz uma reflexão sobre a posição política de Frida Kahlo como mulher ativa na sociedade na qual ela estava

¹ FRIDA. Direção de Julie Taymor. Produção de Jay Polstein, Lindsay Flickinger, Lizz Speed, Nancy Hardin, Roberto Sneider, Salma Hayek, Sarah Green. Roteiro: Anna Thomas, Clancy Sigal, Diane Lake, Gregory Nava, Hayden Herrera. 2002. (118 min.), DVD, son., color. Legendado.

inserida.

O segundo filme a que me remeto é *Big Eyes*², que conta a história da artista Margaret Keane e a relação com seu segundo parceiro, Walter Keane, sendo essa, a princípio, uma relação de subordinação seguida de uma luta por autonomia por parte da artista. Sendo assim, ao pesquisar sobre a arte produzida pelas mulheres, percebo que elas aparecem recentemente na história e ganham ênfase na arte contemporânea, onde além de suas produções artísticas entram em discussão questões de gênero.

Estas questões e a produção artística de mulheres ficaram mais evidentes para mim nos dois últimos anos do curso, em algumas disciplinas nas quais pude ter um contato maior com estes temas, como Estética, Apreciação Estética, Performance e Intervenção e Desenho Contemporâneo. Destaco que, durante a disciplina de Performance e Intervenção, surgiu a possibilidade de se realizar uma performance ou uma intervenção nos espaços da universidade. A intervenção artística que realizei consistia em um varal de sutiãs exposto em um dos corredores mais movimentados da universidade (Figura 1). A partir deste fato e das reações que o mesmo causou nas pessoas que por ali passaram, tive vez mais certeza do tema que abordaria nesta pesquisa.

Figura 1 – Intervenção artística realizada na disciplina de Performance e Intervenção no primeiro semestre de 2015.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

² BIG Eyes. Direção de Tim Burton. Produção de Scott Alexander, Tim Burton, Larry Karaszewski. 2014. (106 min.), DVD, son., color.

Duas defesas públicas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)³ do curso de Artes Visuais – Bacharelado, nos anos de 2014 e 2015, também me fizeram perceber que, na formação de artistas, ainda havia a necessidade por parte das mulheres de se discutir este tema muitas vezes marginal em diversas áreas. Se para os/as artistas esta discussão se mostra necessária, na licenciatura não é diferente. Refletindo sobre isso, propus investigar com a minha pesquisa como está sendo abordada a arte produzida pelas mulheres, como os alunos de Artes Visuais Licenciatura se apropriam desta e se isso tem reflexo na sua formação.

A partir deste problema, procurei investigar de que forma está sendo abordada a produção de arte feminina nas disciplinas do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC e, por consequência, compreender como os professores do curso estão incluindo, ou não, as produções artísticas de mulheres e questões de gênero em suas aulas. Pretendi também compreender como os alunos das últimas fases de Artes Visuais – Licenciatura percebem, ou não, a inserção destes temas nas aulas e quais são suas percepções e opiniões a respeito.

³ SILVA, Camila Fernandes da. **O corpo feminino**: um olhar sobre a produção das artistas e a arte contemporânea. 2014. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Bacharel, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/2705>>. Acesso em: 28 out. 2015.
RIBEIRO, Bruna da Silva. **Eu sou a minha própria musa**: reflexões sobre o processo artístico feminino na história da arte. 2015. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Bacharelado, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.
SANTA CATARINA

1.1 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este trabalho consiste em oito capítulos. No primeiro, trago a introdução, com alguns dos fatos que me levaram a esta pesquisa e, no seguinte capítulo, apresento a metodologia utilizada para esta pesquisa. Os capítulos três, quatro e cinco são referentes à pesquisa bibliográfica, que foi realizada a partir de uma abordagem acerca dos estudos de gênero, o movimento feminista e a produção de artistas mulheres e a relação destes temas com a educação. O capítulo seis consiste na apresentação e a análise de dados referente à pesquisa de campo, que são seguidos do capítulo de uma proposição de curso e das considerações finais.

No capítulo três, onde abordo *O feminismo e os estudos de gênero*, estabeleço diálogo com os autores que escreveram sobre a presença da mulher na sociedade, os estudos de gênero e a representação da figura feminina na história da arte, como Loponte (2005), Coutinho e Loponte (2015), Carvalho e Rabay (2015), Grossi (1998), Dias (2005), Butler (2003), Beauvoir (1980) e Scott (1989) entre outros autores.

Já no quarto capítulo, *Arte e o movimento feminista*, trago os seguintes autores Trizolli (2008), Ribeiro (2015), Loponte (2008), Dias (2005), Coutinho e Loponte (2015), Archer (2001) e Scott (1989), onde dialogo um pouco sobre a história do movimento feminista e trago para o texto alguns exemplos de artistas, homens e mulheres, que utilizaram em seus trabalhos questões ligadas ao movimento feminista e a questões de gênero.

No quinto capítulo, intitulado *Gênero e Educação*, trago autores como, por exemplo, Coli (2006), Babosa (2003), LDB (1971; 1996), Facchini (2015) e Grossi (1998), além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 e 1996 e da Proposta Curricular de Santa Catarina, para estabelecer relações entre arte, gênero e educação.

No capítulo seguinte, apresento os dados levantados com a pesquisa de campo, realizada com professores e professoras do curso de Artes Visuais e com os acadêmicos das duas últimas fases do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. Neste capítulo, também estabeleço diálogos entre as questões levantadas e os autores já citados nos capítulos anteriores.

Em seguida, trago a apresentação de uma proposta de curso intitulado “Arte e Gênero: Reflexões e Experimentações”, que surgiu a partir desta pesquisa

como uma possibilidade de continuar as discussões e os estudos referentes aos temas aqui debatidos e pesquisados. Por fim, apresento nas considerações finais algumas conclusões e reflexões que este trabalho me permitiu.

2 METODOLOGIA

O conceito de arte é algo não exato e está em constante transformação. Ao longo dos séculos, os objetos artísticos vêm ganhando novas ideologias e novas formas de representação. É partindo desta *arte* que se transforma e que busca novos olhares que a pesquisa sobre arte se torna algo complexo. Pesquisar sobre arte é, para mim, buscar conhecer melhor as pessoas e a sociedade em que vivemos. Pesquisar é buscar solucionar suas dúvidas, é desvendar seus anseios, é permitir-se ir além do que se quer saber. Para Zamboni (1998, p. 43),

Pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições muito especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através de pesquisa. A pesquisa sempre implica na premeditação, na vontade clara e determinada de se encontrar uma solução através de trajetória racional engendrada pela razão.

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, pois envolve-se nas investigações sobre os princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte, linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica, estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação.

Esta pesquisa é de natureza básica, que, segundo Silva (2006, p. 20), "objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais". A pesquisa requer um ponto de partida, um problema para se pesquisar em arte. Este problema exige que se escolha um método para a descoberta de respostas para o mesmo, seja por meio de entrevistas, pesquisas de campo ou entre muitos outros métodos. Sobre isso, Gil (1996, p.19) afirma que:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Seguindo estes conceitos sobre pesquisa, apresento o seguinte problema: "Os alunos de Artes Visuais Licenciatura se apropriam da arte produzida por mulheres e isso tem reflexo na sua formação?" Para responder este problema, busquei compreender se há um espaço nas aulas do curso de Artes Visuais – Licenciatura para a produção de artistas mulheres e se este tema tão relevante para história, porém pouco discutido, entra em debate ou não nas disciplinas que formam

a grade curricular do curso. Proponho ainda como tema para este estudo: “A produção artística de mulheres e suas influências na formação de professores e professoras de Artes”, visando pesquisar sobre a inserção da produção artística de mulheres nas aulas do curso e sobre questões que envolvam gênero, arte e educação.

Este estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2000, p. 21),

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em relação aos objetivos, esta é uma pesquisa exploratória. Como explica Gil (1996, p.45),

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Quanto aos procedimentos técnicos, esta investigação partiu de algumas inquietações pessoais, fatos e eventos durante a graduação, seguida de uma pesquisa bibliográfica, que abrangeu o movimento feminista, questões que envolvem arte, gênero e educação. Esta também é uma pesquisa de campo, que aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas com professores do curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC. De acordo com Robert Farr (1982 apud BAUER, 2006, p. 65), a entrevista é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista.” A escolha da entrevista se deu por algumas vantagens, como as citadas por Goldenberg (2000, p. 88):

As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever; maior flexibilidade para garantir a resposta desejada; pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições; permite maior profundidade.

As entrevistas realizadas com os professores foram compostas por perguntas abertas, mas quais as “respostas são livres, não limitada por alternativas apresentadas, o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é

proposto” (GOLDENBERG, 2000 p. 86).⁴ As respostas foram gravadas mediante a autorização dos entrevistados, porém apenas um dentre os nove entrevistados solicitou que as questões fossem respondidas por e-mail, por motivo de indisponibilidade de horários.

Para escolha dos professores, utilizei-me dos seguintes critérios: lecionar em disciplinas pertencentes aos núcleos de teorias da arte, linguagens e saberes docentes.⁵ Para cada um destes núcleos, foram selecionados três professores que lecionam há mais tempo no curso. Dos professores contatados primeiramente, apenas um se recusou a responder as questões.

Também aconteceu a aplicação de questionários (que podem ser vistos no Apêndice B) com os acadêmicos das duas últimas fases da licenciatura do curso de Artes Visuais da UNESCO. A escolha do questionário, com perguntas abertas e fechadas, se deu pelas seguintes vantagens: “é menos dispendioso; pode ser aplicado a um grande número de pessoas ao mesmo tempo; os pesquisadores se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades;” (GOLDENBERG 2000, p.87). Responderam aos questionários 23 acadêmicos, sendo dez da oitava fase e treze da sexta fase. A análise dos questionários aconteceu separadamente para cada fase.

É importante ressaltar aqui que, durante a escrita sobre os dados coletados nesta pesquisa, opto por usar o termo professor(s) e acadêmico(s), mesmo quando me dirijo a professores e professoras e a acadêmicos e acadêmicas. Esta escolha foi feita com o intuito de deixar a identidade dos participantes ocultas, em respeito a seu anonimato.

⁴ O roteiro da entrevista semiestruturada utilizado nesta pesquisa está disponível no Apêndice A.

⁵ Os núcleos citados nesta pesquisa foram definidos a partir do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do Curso de Artes Visuais - Licenciatura, e compõem a matriz curricular. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO%20PPC%20-%20LICENCIATURA%20OFICIAL%2001_09_2014.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2015.

3 O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Quando pensamos em gênero, logo nos vêm à mente alguns estereótipos e ideias de senso comum. As ideias estereotipadas que rondam o feminino são de que as mulheres são mães dedicadas e servis, sensíveis e protetoras. Por muito tempo ao longo da história ocidental, estes estereótipos sobre cada gênero foram aceitos sem grandes problematizações. Hoje, porém, não podemos mais afirmar que há apenas características próprias para o gênero masculino e o feminino, e muito menos que estas sejam fixas e estáveis.

Por um longo período, as mulheres se mantiveram retidas em seus lares, ocupadas com os afazeres domésticos e com a criação dos filhos. Desde muito novas, as meninas eram preparadas para o serviço da casa, incluindo assim o bordado, a pintura, o crochê e o tricô. Estas eram habilidades essenciais para as meninas que um dia se tornariam “donas” de seus próprios lares (GIDDENS, 1993). Esta realidade acabou sendo parcialmente desconfigurada com a industrialização e a falta de mão de obra, quando as mulheres começaram a ser inseridas no mercado de trabalho. Muitas vezes, as funções desenvolvidas por homens e por mulheres eram, e ainda são, as mesmas, porém os salários não são compatíveis – um dos motivos deu origem à luta de mulheres pela igualdade. Um exemplo é o acontecimento de 8 de março de 1857, quando diversas operárias morreram queimadas em uma fábrica em Nova York após reivindicarem seus direitos trabalhistas. Hoje temos essa data como o Dia Internacional da Mulher, porém a mesma só passou a ser celebrada no começo do século XX, sendo posteriormente esquecida e lembrada pelo movimento feminista na década de 1960 (BLAY, 2001).

As desigualdades entre homens e mulheres podem ser vistas em todos os campos de nossa sociedade, sendo que na arte isto não é diferente. Durante muito tempo, a história da arte enfatizou “um olhar masculino, branco, europeu e heteronormativo” (LOPONTE, 2005, p. 246), e assim acreditava-se que a arte era apenas produzida por esta parcela da sociedade. Esta ênfase dada à produção destes artistas acabava por excluir inúmeras visões e opiniões sobre o mundo e, por muito tempo, a produção de artistas mulheres se viu oprimida e não valorizada. Sobre estas relações, Loponte (2005, p. 246) afirma que “a arte, este terreno aparentemente livre, de pura expressividade e autonomia criativa, é um campo minado por relações de poder”, sendo isso decorrência do sistema patriarcal visto e

vivido ainda nos dias atuais.

Se, por um lado, as produções de mulheres não tinham seu espaço, por outro, as imagens de mulheres foram temas presentes nas produções artistas homens, o que reforça a “pedagogia que naturaliza e legitima o corpo feminino como objeto de contemplação” (LOPONTE, 2008, p. 152). São através das imagens produzidas pelos ditos “grandes mestres” que nós somos representadas ao longo da história e é através destas imagens que nos conhecemos. Estas representações do feminino, através da ótica masculina, apresentam-nos como “objeto de desejo”, “objeto de beleza”, “de perdição”, “santificação e pureza” (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p.183).

Apesar desta representação das mulheres ao longo da história da arte, quando buscamos encontrar referências sobre artistas mulheres em livros da história da arte ou em coleções sobre arte, dificilmente encontramos seus nomes como sendo grandes mestras. É a partir da luta contra esta invisibilidade, que surge, nos anos 70, a ideia de “resgatar a importância da mulher na História da Arte” (DIAS, 2005, p. 278). Este que é um dos primeiros objetivos do movimento feminista que ganhou força na década de 1960 nos Estados Unidos, juntamente com a luta pelos direitos civis.

No campo acadêmico, o movimento feminista levou a discussões sobre gênero, problematizando as concepções que restringiam as diferenças entre homens e mulheres a imperativos biológicos. A famosa frase de Simone de Beauvoir (1980) “Não se nasce mulher, torna-se mulher” é representativa da reflexão sobre o que é ser mulher. De forma geral, dentro das sociedades ocidentais, é esperado que cada gênero assuma suas características pré-determinadas, levando em consideração o seu sexo biológico. “Por exemplo, nascer mulher significa ter a capacidade reprodutiva para ser mãe (o sexo biológico). No entanto, é a cultura que determina os muitos significados que a maternidade assume” (SANTA CATARINA, 2014 p. 58-59). Quando idealizamos que todas as mulheres nascem com um suposto instinto maternal, estamos pré-determinando o comportamento das mulheres e, ao enquadrá-las vinculadas a um suposto “instinto”, acabamos por negar o direito da livre escolha às mulheres (BADINTER, 1985).

Quando pensamos em gênero, logo nos vem à mente o termo sexualidade. Embora ambos os conceitos estejam relacionados, não são sinônimos. O termo gênero, a princípio, tinha seu uso restrito à linguística, e depois passou a

ser usado pela sexologia e, em seguida, pelo feminismo. John Money utilizou o termo para designar pessoas “intersexo”.⁶ Apesar do uso do termo gênero ter iniciado com Money,

foi Robert Stoller quem distinguiu sexo (o elemento natural, material e carnal) de gênero (os elementos psíquicos e psicológicos) em sua pesquisa sobre o transsexualismo em meados da década de 1960. (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 120).

Posteriormente, na década de 1970, com o legado de Money e Stoller, as feministas passaram a utilizar o termo gênero em seus discursos.

A apropriação do conceito pelas acadêmicas feministas deu-se em oposição ao uso histórico do determinismo biológico para justificar a subordinação das mulheres, devido a sua fragilidade muscular e capacidade reprodutiva, no contexto da divisão sexual/social do trabalho. (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 120).

No Brasil, o conceito de gênero chegou até nós através das pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar a categoria *gender* para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres" (GROSSI, 1998, p. 4).

O conceito de gênero não é algo tão simples de ser compreendido. Isso se dá pelos diferentes significados que lhe foram atribuídos ao longo das décadas e por suas diferentes apropriações. Para compreender melhor o que é gênero, aponto a seguinte afirmação de Joan Wallach Scott (1989, p. 42):

Minha definição de Gênero tem duas partes e vários subconjuntos. Eles são inter-relacionados, mas devem ser analiticamente distintos. O núcleo da definição repousa em uma conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo de um relacionamento social baseado em diferenças percebidas entre sexos, e gênero é um modo primário de significar relacionamentos de poder.

Na afirmação acima, Scott aponta o gênero a partir do sexo biológico, feminino e masculino. Porém estas categorias ficam mais evidentes a partir das relações sociais, culturais e as relações historicamente determinadas. Scott ainda afirma que o gênero também é utilizado como forma de realizar distinções sociais:

Gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1989, p.3)

Por ser uma categoria mutável, o gênero “está sendo todo o tempo ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e

⁶ O termo “intersexo” antes era denominado hermafrodita.

feminino” (GROSSI, 1998, p. 6). Com o passar das décadas, novas problematizações acabaram por surgir junto aos estudos de gênero, como, por exemplo, os papéis e identidade de gênero, e o binarismo.

Os estudos de gênero foram, por longo tempo, sinônimo de estudos de mulheres (SCOTT, 1989). Além da posição social das mulheres na sociedade, estes estudos também questionaram a heteronormatividade (LOURO, 2009), ou seja, a heterossexualidade como imposição social velada. De uma forma geral, os estudos de gênero afirmam que o gênero não é resultante de um determinismo biológico, por tanto independente do sistema reprodutor no qual o sujeito é constituído. Ou seja, o gênero não será constituído, formado, a partir deste fator. Deste modo, os estudos questionam o que conhecemos como essência masculina e essência feminina e, por consequência disso, as categorias binárias que classificam os sujeitos em homens ou mulheres, masculinos ou femininos, heterossexuais e homossexuais, entre outras categorias.

Na década de 1990, “surge uma nova questão nos estudos de gênero e sexualidade: a representação do masculino e das diversas sexualidades na arte contemporânea em grande parte por meio da teoria *queer*” (DIAS, 2005, p.279). A teoria *queer* começou a ganhar forma aproximadamente em 1990, principalmente com o livro “Problemas de Gênero” (2003), em inglês *Gender Trouble*, de Judith Butler. A palavra *queer* pode ser traduzida como “estranho”, “ridículo”, “extraordinário” (LOURO, 2004). Esta teoria problematiza as categorias utilizadas para classificar os sujeitos, ressaltando que as identidades não são fixas. O gênero, segundo Butler (2003), é performativo, pois é resultado de normas sociais que regulam os sujeitos, que são divididos e hierarquizados.

4 A ARTE E O MOVIMENTO FEMINISTA

O movimento feminista, como visto brevemente no capítulo anterior, produziu reações e contrarreações não apenas na sociedade, mas também no campo das artes. Segundo Talita Trizolli (2008, p. 1498), “o movimento feminista na arte vem então para desconstruir a premissa de mulher objeto de desejo. De musas inspiradoras para o olhar do artista, passamos a ser o olho e a mão que cria.” É justamente como consequência deste movimento que surgem novos modos de pensar e representar o feminino, seja nos conteúdos e/ou nos valores pertinentes à área das artes. Questões que envolviam gênero começaram a fazer parte da produção de diferentes artistas, diretamente ou indiretamente. Se antes éramos temas constantes das pinturas masculinas, hoje somos nossas próprias musas (RIBEIRO, 2015). Aprendemos a cuidar, apreciar e desvendar os limites do nosso próprio corpo. “As mulheres se expõem, raros são os homens que fazem o mesmo. O homem não se expõe – o homem expõe o outro gênero” (HERKENHOFF, HOLLANDA, 2006, p.154 apud LOPONTE, 2008, p.153).

Durante o ápice do movimento feminista, na década de 1960, aconteceram também outros movimentos importantes para história da arte, como, por exemplo, a Pop Art e a Arte Conceitual. É partindo destes movimentos que começamos a perceber um novo olhar sobre a arte - começa-se a pensar a arte contemporânea. Sobre esta arte que nos apresenta novas possibilidades e que rompe com padrões vistos até então, Archer sustenta que:

De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material de arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. (ARCHER, 2001, p. ix).

De certo modo, a arte contemporânea abriu um grande espaço para a produção de mulheres artistas e, principalmente, para a temática feminista. É neste período que surgem novas problematizações sobre o conceito de arte e sobre as linguagens artísticas. Assim como o meio social, a arte precisava de transformações e novos suportes. Se antes se acreditava que as mulheres estavam trancafiadas em

suas casas produzindo materiais sutis e delicados, agora elas começam a lutar por seus espaços no campo das artes.

Algumas mulheres artistas chegaram a negar algumas linguagens “tradicionalmente utilizadas pelos homens nas artes visuais, como a pintura e a escultura” (DIAS, 2005, p. 278). Isso levou muitas mulheres a fazerem o uso de linguagens artísticas contemporâneas, como, por exemplo, a instalação, a performance, o vídeo-arte, a fotografia, entre outros. Os temas abordados pelas artistas feministas

focavam o controle do próprio corpo, o fortalecimento de uma identidade própria, a sexualidade, a maternidade, a violência contra mulheres, os padrões impostos socialmente, a violação, a alienação do trabalho doméstico, a dupla jornada de trabalho, os estereótipos femininos difundidos pelas mídias e outras temáticas recorrentes (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p.182).

Na década de 1970, segundo Trizoli (2008, p. 1499), “surge o primeiro programa acadêmico de arte feminista, o *Feminist Art Program*, de Judy Chicago e Miriam Schapiro, na Califórnia”. Judy Chicago e Miriam Schapiro eram artistas-professoras na *California Institute Of Art* e abordavam em seus trabalhos temas decorrentes do movimento feminista.

Uma das principais iniciativas do movimento feminista era realizar “um exercício de recuperação histórica” (ARCHER, 2001, p. 92), o que podemos observar claramente na instalação artística *O jantar* de Judy Chicago (1974-79). Nesta obra, deparamo-nos com uma mesa composta por 39 jogos de jantar, sendo que cada um destes representava uma artista mulher famosa. Nas toalhas bordadas e nas imagens pintadas e esmaltadas nos pratos, percebemos a presença característica de cada uma delas. Sobre o formato triangular da mesa, podemos observar que esta forma negava a disposição hierárquica dos lugares e sugeria a identidade sexual feminina, como apresenta a Figura 2 (ARCHER, 2001, p. 92).

Figura 2 – O jantar, Judy Chicago, 1974-79.



Fonte: Contramaré

A luta por igualdade sempre foi um tema presente no movimento feminista, “porém o “conceito de “iguais” foi confundido com uma reação de espelhamento das posturas masculinas. Essa apropriação do universo masculino, uma espécie de androgenia, foi sentida por algumas mulheres como forma de conquista social” (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p.184). Acreditava-se que, para serem aceitas era necessário assumir características e atitudes masculinas, acreditando que assim passariam a ser iguais. Deste modo, eram evidenciados os aspectos masculinos, colocando-os com modelos a serem seguidos, como única verdade. As primeiras artistas a abordarem o feminismo foram vistas como radicais, pois queriam romper rapidamente com os padrões impostos às mulheres e lutarem pela igualdade e emancipação.

Como consequência deste “radicalismo” do começo do movimento, esta arte que era feita *por* mulheres e *para* elas, não foi tão bem aceita e compreendida primeiramente.

O radicalismo empreendido (e necessário naquela época diante da forte exclusão sofrida pelas artistas) serviu para forçar um sistema patriarcal bastante sedimentado e enraizado na arena artística, mas ocasionou certo sectarismo (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p.183).

Com o movimento feminista na arte, surgiram diversos questionamentos. Um grupo de artistas feministas que fez muitos destes questionamentos críticos ao

campo da arte foi o grupo *Guerrilha Girls*. Questionamentos como, por exemplo, “por que da desvalorização das mulheres artistas no mercado?”, “Por que a porcentagem de mulheres que ocupa galerias e museus é inferior a 10%?”, “As mulheres têm que estar nuas para entrar nos museus?” (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p.182) são enfatizados em cartazes e apresentações deste grupo, como podemos observar na Figura 3.

Figura 3 - Do Women Have to Be Naked to Get Into the Met Museum?
1989, Guerrilla Girls



Fonte: Guerrilla Girls

O grupo *Guerrilla Girls* (2015) surgiu em 1985 e segue até hoje com suas atuações. Já teve em torno de 50 mulheres participantes, de diferentes partes do mundo. A ideia principal do grupo é levantar questionamentos acerca da discriminação das mulheres nos diversos campos, em especial na arte. Para isso, estas mulheres que não se identificam, pois usam pseudônimos de artistas como Frida Kahlo e Eva Hesse, e máscaras de gorilas, utilizam-se de cartazes com sátiras (Figura 3), livros, projetos e ações.

Ressalto aqui também o trabalho da artista Barbara Kruger, *Your comfort is my silence* (Seu conforto é o meu silêncio) (Figura 4) de 1981, no qual são problematizadas também questões ligadas ao feminismo, ao capitalismo e à sociedade contemporânea. Na imagem que é composta fotografia e colagem, podemos observar a figura de homem que solicita silêncio, com o seu gesto, ao espectador.

Figura 4 - Your comfort is my silence, 1981, Barbara Kruguer.



Fonte: Tumblr

Assim como podemos perceber com a atuação do grupo *Guerrilha Girls* e com o trabalho da artista Barbara Kruguer, o movimento feminista nas artes não foi algo apenas estético que influenciou as características das obras, mas sim um movimento conceitual, marcado pelo teor de denúncia, inconformismo e revolta.

Algumas artistas contemporâneas, principalmente a partir dos anos 90, surpreendem cada vez mais ao romperem com padrões chamados “femininos”, reciclando e reinventando acervos materiais e simbólicos constituintes do universo feminino há muito tempo (LOPONTE, 2008, p. 150).

Sendo assim, as pinturas, os bordados e outros materiais chamados “femininos” voltam a ser produzidos, porém o que é retratado acabou por se transformar. A artista contemporânea Joana Vasconcelos traz, em algumas de suas produções artísticas, materiais de utensílios domésticos e compõe com eles objetos em grande escala ditos pertencentes ao “universo feminino”. Na obra *Marilyn* (Figura 5), de 2009, a artista apresenta um par de sandálias de salto alto, no qual a artista faz referência a atriz Marilyn Monroe. Sobre esta obra, Vasconcelos afirma que:

A improvável, mas assertiva, associação de painéis e sandálias de salto alto, dois símbolos paradigmáticos dos domínios privado e público da Mulher, propõe-nos a revisão do Feminino à luz das práticas do mundo contemporâneo. O recurso a painéis, signo ao qual associaríamos a tradicional dimensão doméstica da Mulher, para reproduzir uma enorme sandália de salto alto, símbolo da beleza e elegância exigidas no desempenho social, contradiz a impossibilidade da relação dicotômica do Feminino nos planos doméstico e social. O efeito *Gulliver* e a monumentalidade do objeto representado irrompem como panegíricos da dualidade feminina, insinuando a realização plena da individualidade através da subversão dos normativos sociais impostos. (VASCONCELOS, 2015)

Figura 5 – Marilyn, 2009, Joana Vasconcelos.



Fonte: Joana Vasconcelos

Nesta produção, podemos observar que a artista utilizou-se de utensílios domésticos, painéis e tampas de aço inoxidável, e também cimento. Com as dimensões 297cm X155cm X 410cm, esta obra ressalta os diversos paradigmas em que as mulheres se encontram. As painéis nos remetem ao universo tradicional doméstico, formando assim um enorme par de sapatos de salto alto. Este que, por sua vez, remete-nos aos padrões de beleza e elegância que são exigidos das mulheres.

Em contrapartida a este trabalho de Joana Vasconcelos em grandes dimensões, trago aqui a obra *Ninguém de 1992* (Figura 6) do artista Leonilson. Nesta produção artística contemporânea, o artista utiliza o bordado, que é considerado por muitos uma técnica feminina, delicada e sutil. A partir desta obra, o

artista propõe repensar e problematizar os conceitos, os materiais e o que cabe a cada gênero.

Figura 6 – Ninguém, 1992, Leonilson.



Fonte: Isto é.

Pensando nestas problematizações sobre o que cabe ao feminino e sobre o que cabe ao masculino, retomo o conceito de Judith Butler (2003) onde ela afirma que o gênero é performativo, pois é resultado de normas sociais que regulam os sujeitos, que são divididos e hierarquizados. Pensando nestas normas que regulamentam os sujeitos, trago a obra *Autorretrato com Cabelo Curto* (Figura 7), de 1940, da artista Frida Kahlo, no qual a artista pinta a si mesma, porém diferente do comum. Nesta tela, Frida aparece com os cabelos cortados, com algumas mechas de cabelos espalhadas pelo chão, vestindo um terno largo no qual seu corpo fica totalmente imerso e, na parte superior da imagem, há uma frase referente a uma canção mexicana que diz: “Olha, se te amei foi pelo teu cabelo, agora que estás careca, já não te amo”. Segundo Ferreira (2008, p.240), “devido a essa dimensão que é dada aos cabelos na tela, podemos dizer que os cabelos são tomados como significantes provisórios da sexualidade feminina”.

Figura 7 – Autorretrato com Cabelo Curto, 1940, Frida Kahlo.



Fonte: MoMA.

Refletindo sobre essa “performatividade” do gênero e no trabalho artístico como um posicionamento social, no qual a identidade e os papéis sociais são questionados, ressalto ainda a produção artística de Cindy Sherman. Em alguns de seus trabalhos, a artista se insere na sua própria obra e se transforma integralmente em diversos personagens. Na obra *Sem título #198* (Figura 8), de 1989, assim como em outras obras semelhantes, Sherman adota personagens de pinturas de antigos mestres. Segundo Archer (2001, p.194), “o desejo de Sherman não era tanto se transformar nesses personagens, mas apagar sua própria personalidade, tornando-se neutra (...)”.

Figura 8 – Sem título #198, de 1989, Cindy Sherman.



Fonte: MoMA.

Mais do que lembrar as mulheres artistas, é preciso refletir, estudar e trazer à tona as questões que tornaram as mulheres invisíveis na história, como afirma Scott (1989, p. 163):

Se você usa o gênero como uma ferramenta crítica expondo não só o fato da presença das mulheres na história, mas as razões para sua invisibilidade ou marginalização da política e da vida pública, então você está avançando na 'causa' da emancipação das mulheres.

Pensando na formação de professores e professoras de Artes, é de extrema importância ressaltar a presença das mulheres na história, suas influências sobre a arte e suas produções artísticas, principalmente em disciplinas que envolvam as teorias das artes. Como afirma Loponte (2008, p. 154), “debater a arte e seus mecanismos de regulação de condutas a partir dos códigos patriarcais foi um dos pontos mais reforçados por pesquisadoras feministas a partir dos anos 70”.

Tomar conhecimento sobre a opressão de mulheres e outros grupos faz-nos compreender melhor a história. Mais do que inserir a produção artística de mulheres, é preciso mostrar a trajetória percorrida por muitas mulheres até o reconhecimento atual. É preciso continuar dando voz às mulheres, contemplar as conquistas deste movimento e continuar assumindo os espaços nos quais as mulheres ainda não estão presentes.

5 GÊNERO E EDUCAÇÃO

Antes de imergir no universo da docência, ressalto que o foco deste capítulo se baseia em dois pontos: gênero e educação. Mas antes de imergir nestes assuntos, ressalto que a discussão sobre educação que aqui trago tem como foco o ensino de arte. Um ponto essencial de discussão neste capítulo é “o que é a arte?”. Através da ideia assegurada por Coli (2006, p. 08), arte “são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”. Coli ainda salienta a dificuldade que temos em compreender o que é arte e como isso se torna ainda mais complicado após a arte contemporânea. Como discutido nos capítulos anteriores, na arte, principalmente na arte contemporânea, muitos artistas trazem como, em suas pesquisas, o próprio gênero.

Outro ponto a ser discutido neste capítulo é a docência, cujo tema, para mim, se liga diretamente à arte e ao gênero. A docência que aqui discuto abrange de forma integral o ensino de arte e, por consequência, os professores e professoras de Artes. É partindo desta ideia de conexões que começo a partir de agora refletir sobre algumas questões que interligam diretamente estes três temas.

Parte-se da ideia de que a arte é algo mutável e que, ao longo dos séculos, vem assumindo diferentes características e conceitos, assim como as suas linguagens. A arte está diretamente ligada à vida e, por consequência disso, está diretamente ligada às relações que estas inúmeras vidas estabelecem entre si.

Tendo em vista que esta arte é intrínseca a nós desde a pré-história com os registros dos primatas em suas cavernas, começamos a pensar o lugar desta arte nos espaços de formação educacional.⁷ O ensino da arte começa a ganhar espaço no Brasil em 1816, quando chega ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, e é então criada a Academia Imperial de Belas Artes. Até o início do século XX, a linguagem que predominava no ensino da arte era o desenho. O objetivo de ensinar essa linguagem era de preparar pessoas para o trabalho e para os serviços manuais (BARBOSA, 2003).

⁷ Esta visão sobre arte não é unânime entre os estudiosos da História da Arte. De acordo com Fernando Cocchiarale, na aula inaugural intitulada “A invenção da arte”, proferida no dia 06 de novembro de 2015 na UNESCO, o termo arte está relacionado à contemplação estética, que surge na Europa no século XVIII.

A relação entre arte e educação faz parte das transformações educacionais do século XX. O ensino da arte continuou seguindo a tendência tradicional, mesmo ocorrendo no país as manifestações da Semana Moderna de 1922. Em 1948, surge no Rio de Janeiro a primeira “Escolinha de Artes”, onde a arte era tida como um meio para que o aluno desenvolvesse a autoexpressão e a prática. Com o passar do tempo, o número de escolinhas só aumentou no país. A tendência da livre expressão surgiu aproximadamente em 1960, e o ensino da arte seguiu esta proposta (BARBOSA, 2003).

Com o passar do tempo, esse processo de criação livre passou a ser considerado insuficiente para suprir as necessidades de aprendizagem. Foi então que surgiu a reflexão sobre uma nova tendência que tinha, de um lado, “a revisão crítica da livre expressão; de outro, a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento.” (BRASIL, 1997, p. 23).

A partir da LDB (Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional) de 1971, o ensino da arte passou a ser componente curricular obrigatório do ensino fundamental e médio. Porém, é somente em 1973 que começam a ser criados os primeiros cursos de licenciatura em Arte, e os professores e professoras formados nestes cursos estariam habilitados a lecionar, música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

Na década de 1980, surgiu a proposta triangular pensada por Ana Mae Barbosa, que visava o fazer artístico dos alunos, o pensar sobre história da arte contextualizando assim os conteúdos estudados e o fruir/apreciar arte. Entre os estados do país que seguiram essa proposta está o Estado de Santa Catarina.

Com a LDB de 1996, o ensino da arte passou a ser considerado componente curricular obrigatório da Educação Básica. Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) definem que ela abrange quatro linguagens artísticas: as artes visuais, a dança, o teatro e a música.

A arte, do ponto de vista educacional, proporciona aos educandos uma forma de autoconhecimento e de conhecimento do mundo, pois está diretamente ligada ao sujeito e às ações deste no coletivo. Pensando o ensino de arte atualmente, podemos perceber que as conexões desta disciplina com tantas outras

é extremamente favorável, assim como a abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais referentes aos temas transversais.⁸

Ao consultar os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de 1998 referentes aos temas transversais, podemos observar que o mesmo aponta “a necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania”, considerando as diferenças existentes entre os sujeitos.

Relacionar a arte com o cotidiano dos educandos é preciso, de forma que, para eles, a arte tenha sentido e possa contribuir para sua formação integral. O processo criativo do educando parte de suas experiências e se constitui um meio de expressão que traduz seus sentimentos, anseios e desejos. Este educando encontra na disciplina de Arte um caminho de conhecimento e autoconhecimento, no qual o mesmo pode perceber que o seu cotidiano pode estar inserido nas aulas e que questões como igualdade de gênero, racial, religiosa, entre outras, devem ter um espaço para discussão e debate dentro delas.

Atualmente, com as metas relacionadas ao combate à discriminação e desigualdade de gênero no Plano Nacional de Educação (PNE), muito tem-se discutido sobre o que realmente é gênero e como os docentes inserem este tema nas aulas. Em alguns casos, o tema surge na sala de aula como uma curiosidade; em outros, ele parte de uma vivência de algum integrante do núcleo escolar. Professores e professoras, demais integrantes da escola e pais, muitas vezes, não sabem ou não estão preparados para lidar com este tema presente não só no cotidiano, mas também nos documentos norteadores para a educação.

Podemos acompanhar em noticiários e jornais o fato de que ainda “vivemos numa sociedade com altos índices de desigualdade e de violência contra mulheres, homossexuais, travestis e transexuais” (FACCHINI, 2015). Infelizmente boa parte da população ainda se encontra resistente a discussões sobre o assunto.

Quando se pensa em gênero, logo se associa a um outro termo - a sexualidade (GROSSI, 1998, p.9) - ainda que os estudos de gênero apresentem temáticas diversificadas. É preciso tornarmos possível o debate e as conversas sobre gênero, garantindo assim o direito de igualdade a todos. Os ambientes de educação, escolas e universidades, devem ser lugares abertos a receberem estes

⁸ Os temas transversais se constituem de cinco questões: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual. Sendo que estas “devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola” (BRASIL, 1998, p. 15)

debates, a começar pelas primeiras fases do ensino, quando a criança começa a questionar sobre as diferenças de sexo, raça e tantas outras. Os professores devem, de certo modo, estar preparados para discutir e orientar seus alunos para uma descoberta saudável. Descobrir as diferenças, conviver com elas e acreditar na igualdade é algo a ser exercido constantemente, até mesmo por nós universitários.

Como base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação, foi lançada, em 2014, no Estado de Santa Catarina, a atualização da Proposta Curricular do Estado, que modificou e ampliou diversos aspectos do documento. Trago como destaque a sessão dois (2) do capítulo um (1), da Proposta Curricular de Santa Catarina, que abrange a “diversidade como princípio formativo”. No capítulo em questão, as diferenças culturais, raciais, de gênero, de classes, entre outras, são apostadas, exemplificadas e ainda cita-se a “necessidade de uma Educação Básica que reconheça e assuma a diversidade como um princípio formativo e fundante do currículo escolar” (SANTA CATARINA, 2014, p. 54). Sobre essa educação para a diversidade e para a diferença, Loponte (2005, p. 252) comenta que:

Para Hicks⁹, um ensino de arte feminista baseado no empowerment (que poderia ser traduzido como “empoderamento”, ou ainda, “fortalecimento do poder”) deveria ter como objetivos a educação para a diversidade e diferença, a educação para o contexto e a educação para uma comunidade de diferença.

Este “empoderamento”, essa busca por autonomia e por voz, vai ao encontro dos estudos de Paulo Freire. Sobre esta relação, Guacira Louro (1997, p. 115 apud Loponte 2005, p. 252) afirma que: “as pedagogias feministas inscrevem-se nas perspectivas das pedagogias emancipatórias, que buscam a conscientização, a libertação ou a transformação dos sujeitos e da sociedade”.

É importante ressaltar que a Proposta Curricular de Santa Catarina foi formulada tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação e Direitos Humanos. Podemos perceber que, neste documento, “estão em discussão: a educação para as relações de gênero; a educação para a diversidade sexual (orientação sexual e identidade de gênero); (...)” (SANTA CATARINA, 2014 p. 57).

Outro aspecto importante e relevante para esta pesquisa, que é ressaltado na proposta curricular, é de que:

⁹ HICKS, Laurie. A feminist analysis of empowerment and community in art education. **Studies in Art Education**, Virginia, USA, v. 32, n.1, 1990, p. 36-46

A Educação para as Relações de Gênero, nos currículos escolares, só pode ser pensada no Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980, quando os estudos feministas sobre a mulher passaram a se utilizar da categoria “gênero”, inspirados no artigo de Joan Scott de 1995 (SANTA CATARINA, 2014, p. 57-58).

É a partir da inquietação das mulheres, pela busca por autonomia e igualdade que novas portas se abrem, tanto para as mulheres como também para novas possibilidades de estudos e discussões.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresento os resultados da pesquisa realizada com acadêmicos e professores do Curso de Artes Visuais, procurando compreender suas percepções e conhecimentos sobre gênero e sua relação com a arte, bem como a importância que atribuem à inclusão da produção artística de mulheres nas discussões em sala de aula.

6.1 AS PERCEPÇÕES E OS OLHARES DOS ACADÊMICOS E ACADÊMICAS

O questionário aplicado aos alunos do curso foi constituído de sete perguntas, sendo cinco delas com alternativas de sim ou não e um espaço para justificativas, e as outras duas apenas com questões abertas (APÊNDICE B). A análise dos questionários aconteceu de forma separada para cada fase do curso.

A primeira questão apresentada aos acadêmicos era a seguinte: *“Na atualização da Proposta Curricular de Santa Catarina e em outros documentos norteadores para a educação, a diversidade (biológica, religiosa, sexual, cognitiva, cultural, étnica, territorial, dentre outras) é um tema presente. Você sabia que a diversidade de gênero é um dos assuntos a serem debatidos e compreendidos no ambiente escolar?”* Sendo assim, onze acadêmicos da sexta fase afirmaram compreender o que a questão apresentava e outros dois acadêmicos ressaltaram que não era algo compreendido por eles. Já na oitava fase, oito alunos responderam que tinham conhecimento sobre a questão ressaltada e dois responderam que não.

Tabela 1 - Você sabia que a diversidade de gênero é um dos assuntos a serem debatidos e compreendidos no ambiente escolar?

Resposta	6ª. Fase	8ª. fase
Sim	11	8
Não	2	2

Fonte: Autora

A segunda pergunta apresentada era referente aos estudos de gênero, onde os alunos foram questionados se sabiam do que se tratava. Na sexta fase, dez

acadêmicos responderam que sim e três que não. Já na oitava fase, nove responderam que sim e apenas um respondeu não saber do que se trata.

Tabela 2 - Você sabe do que tratam os estudos sobre gênero?

Resposta	6ª. Fase	8ª. fase
Sim	10	9
Não	3	1

Fonte: Autora

A terceira pergunta foi feita com o intuito de saber se os acadêmicos já presenciaram debates e discussões sobre gênero em alguma disciplina do curso. Onze alunos da sexta fase responderam que sim, sendo que, destas onze respostas afirmativas, a disciplina de Estética foi citada dez vezes e a disciplina de Apreciação Estética duas vezes. Um acadêmico ainda citou que, na abertura do Seminário de Educação, Imaginação e Linguagens Artístico-Culturais (SEILAC),¹⁰ também foram presenciados debates acerca do tema gênero. Ainda nesta pergunta, dois alunos da sexta fase afirmaram não ter presenciado debates e discussões no curso. Dentre os acadêmicos da oitava fase que responderam o questionário, apenas dois responderam que já haviam presenciado debates sobre o tema em questão, sete afirmaram nunca ter presenciado e um acadêmico optou por não responder. Dentre as respostas positivas, as disciplinas de Cultura Regional e Antropologia Cultural foram citadas duas vezes e a disciplina de Performance e Intervenção também foi citada em uma resposta. Dentre uma das respostas desta questão, um acadêmico ressaltou que, apesar de já ter presenciado um debate sobre o tema em disciplinas, o mesmo não foi muito aprofundado.

¹⁰ O Grupo De Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética – GEDEST vem realizando o Seminário Educação, Imaginação e Linguagens Artístico-Culturais – SEILAC - desde 2005 voltado para a expressão da arte e suas linguagens. O evento visa à troca de reflexões a respeito de arte e de experiências estéticas entre estudantes, artistas, profissionais da educação e pessoas interessadas nas manifestações dos processos artísticos. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/542>. Acessado em 27 de outubro de 2015.

Tabela 3 - Você já presenciou debates e discussões sobre gênero em alguma disciplina do curso de Artes Visuais?

Resposta	6ª. fase	8ª. fase
Sim	11	2
Não	2	7
Não respondeu		1

Fonte: Autora

A quarta questão do questionário tinha como objetivo saber se os acadêmicos consideram importante que o curso aborde discussões sobre arte e gênero e solicitava ainda que fosse justificado o porquê. Os acadêmicos da sexta fase responderam em sua totalidade que julgavam importante estas discussões. Quando solicitados a justificarem suas repostas, ressaltaram que este é um tema atual e que está presente cada vez mais na nossa sociedade contemporânea, onde, apesar desta crescente visibilidade, ainda poucos sabem o que o termo gênero realmente significa e como devem tratar deste tema em sala de aula. Os acadêmicos ainda destacaram a polêmica e o preconceito visto em torno deste tema e a importância de se discutir para que assim possamos esclarecer dúvidas e os anseios referentes ao tema. Outra questão apontada em uma das respostas é a utilização deste tema em diversos trabalhos artísticos de diferentes artistas.

Dentre as justificativas, os acadêmicos afirmaram que *“é um tema que vem ganhando espaço de discussão na sociedade”, “porque é um assunto bem polêmico e muitas pessoas não sabem o que realmente é gênero” e “porque é um tema que está presente na nossa sociedade e é importante na formação dos alunos”*.

Tabela 4 - Você considera importante que o curso aborde discussões sobre arte e gênero?

Fase	Sim	Não	Não respondeu
6ª. Fase	13	0	0
8ª. Fase	8	1	1

Fonte: Autora

Já na oitava fase, quando questionados com a mesma pergunta, um acadêmico optou por não responder a questão, e apenas justificou afirmando que nunca havia pensado a respeito e que não tinha uma opinião formada sobre o assunto. Outro acadêmico assinalou a opção “não” e afirmou não achar importante e nem interessante a discussão sobre arte e gênero. Os outros oito entrevistados afirmam que acreditaram ser importante haver essa discussão sobre arte e gênero no curso. Quando questionados sobre o motivo de tal relevância, alguns afirmaram que nunca ouviram falar, outros apontaram a importância de tratar deste tema na academia para ampliar seu repertório e para que, quando se depararem com discussões nas escolas, possam se posicionar de forma mais convicta. Os alunos também falaram do potencial da disciplina de Arte em abordar este tema e, assim como os entrevistados da sexta fase, estes acadêmicos também ressaltaram a importância do debate para que certos preconceitos sejam questionados.

Segundo alguns acadêmicos, é importante debater este assunto *“porque seria importante para ampliar nosso repertório, sendo que o gênero é algo que pode ser inserido tranquilamente no nosso curso”* e também *“creio que a importância do debate deve ser ressaltada desde o ensino infantil, durante a formação do caráter. Mas é um tema que deve se manter sempre em pauta”*.

A pergunta seguinte apresentada no questionário indagou em quais disciplinas do curso de Artes Visuais os acadêmicos percebem a inclusão da produção de arte de artistas mulheres. Os estudantes da sexta fase apontaram as disciplinas de História da Arte como sendo a que mais aborda, sendo que ela apareceu em dez das respostas apresentadas. Em seguida, está a disciplina de Desenho Contemporâneo, citada em nove respostas, seguida de Estética, Apreciação Estética e Pintura e Pesquisa, aparecendo cada uma delas em três repostas. A disciplina de Serigrafia e Pesquisa foi citada duas vezes, e as disciplinas Performance e Intervenção, Arte contemporânea, Arte brasileira, Composição, Arte moderna, Escultura e Pesquisa, Gravura e Pesquisa e Antropologia Cultural foram mencionadas uma vez cada uma.

Tabela 5 – Disciplinas nas quais os acadêmicos percebem a inclusão de produção de arte de artistas mulheres

Disciplinas citadas	Número de citações 6ª. fase	Número de citações 8ª. fase
História da Arte	10	
Desenho contemporâneo	9	
Estética	3	4
Apreciação Estética	3	
Pintura e Pesquisa	3	
Serigrafia e Pesquisa	2	
Performance e Intervenção	1	1
Arte contemporânea	1	
Arte brasileira	1	
Composição	1	
Arte moderna	1	
Escultura e Pesquisa	1	1
Gravura e Pesquisa	1	1
Antropologia Cultural	1	
Cerâmica e Pesquisa		2
Metodologias de Ensino		1

Fonte: Autora

Os acadêmicos da oitava fase citaram quatro vezes a disciplina de Estética como sendo uma das que aborda a produção de artistas mulheres. Em três respostas, os acadêmicos citaram as disciplinas de ateliês.¹¹ Dentre estas, as disciplinas de Cerâmica e Pesquisa foi citada duas vezes, e as disciplinas Escultura e Pesquisa, História da Arte, Metodologias de Ensino, Gravura e Pesquisa e Performance e Intervenção foram citadas apenas uma vez cada uma.

A questão seguinte do questionário estava ligada diretamente à questão anterior, pois perguntava de que forma a produção de arte de mulheres são abordadas nessas disciplinas citadas. Três acadêmicos da sexta fase não souberam responder. Os outros acadêmicos afirmaram que a produção de artistas mulheres

¹¹ Utilizo o termo “disciplinas de ateliê” por ser o mesmo termo utilizado no PPC do curso de Artes Visuais para definir estas disciplinas que estão presentes no núcleo das linguagens.

aparece quando os movimentos artísticos e as técnicas são abordados. Eles ressaltaram como era desvalorizada a produção destas mulheres artistas e como está atualmente o cenário artístico. Outros acadêmicos responderam ainda que a produção de mulheres acaba sendo vista por meio de discussões, conversas e apreciação de produções artísticas.

Dentre os acadêmicos da oitava fase, três não souberam responder a esta questão e outro acadêmico afirmou não ver essa discussão nas disciplinas do curso. Os alunos que apontaram as formas de abordagem dessa produção de artistas mulheres ressaltaram que a mesma acontece por meio de pesquisas, através da apreciação de vídeos e de produções artísticas, principalmente as mais contemporâneas, como observamos nas afirmações de um sujeito de pesquisa: *“Vimos a arte feminina através de vídeos e obras de artistas, obras mais contemporâneas. Acredito que as artistas femininas tiveram mais espaço nos dias de hoje, na contemporaneidade, pois hoje a mulher tem mais liberdade”*. Outro acadêmico afirmou que: *“Por se tratarem de produções contemporâneas as abordagens são bem diversas. Desde a exacerbação do feminino nas produções até a normalização deste gênero nas propostas artísticas”*.

A última questão apresentada no questionário buscou saber se o acadêmico já havia realizado alguma atividade com seus alunos relacionada com gênero. Dentre os acadêmicos da sexta fase, apenas um respondeu já ter trabalhado com questões de gênero, por meio de atividades sobre a identidade, o autorretrato e a cultura africana. Dentre os doze acadêmicos que responderam que não haviam trabalhado, um deles ressaltou que em seu projeto de Estágio havia planejado uma atividade referente à diversidade de gênero, porém a mesma ainda não havia sido aplicado. Dentre os acadêmicos pesquisados da oitava fase, todos responderam nunca terem trabalhado questões de gênero com seus alunos. Apenas um acadêmico ressaltou que, mesmo não trabalhando com questões diretamente ligadas a gênero, este sempre procura apresentar artistas mulheres, assim como artistas homens.

6.2 AS PERCEPÇÕES E OS OLHARES DOS PROFESSORES E PROFESSORAS

Esta pesquisa também tratou de entrevistar professores do curso de Artes Visuais da UNESC, utilizando como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturada contendo seis perguntas (APÊNDICE A).

A primeira pergunta feita aos professores consistiu em saber se os mesmos abordam a produção artística de mulheres em suas aulas e de que forma isso acontece. Dentre os nove professores entrevistados, todos eles afirmaram que abordam a produção de artistas mulheres. Muitos dos professores ressaltaram que, dependendo da disciplina que lecionam, isso se torna mais fácil ou mais difícil, e que a escolha das produções a serem apresentadas aos acadêmicos muitas vezes não acontece com a preocupação de o artista ser homem ou ser mulher, mas sim com a qualidade do trabalho artístico em si.

Ainda nesta questão, o nome de algumas mulheres artistas foram citadas por alguns professores, como, por exemplo, a artista Frida Kahlo. Quando a mesma foi mencionada, foi ressaltada a potência de seu trabalho, a sua vida, a sua luta política e seus ideais. As artistas Artemisia Gentileschi, Camille Claudel, Suzanne Valadon e Tamara de Lampicka também foram citadas, assim como a falta de informações e pesquisas referentes a essas artistas que antecedem o período artístico do modernismo. Loponte (2005) resalta que no artigo *Why have there been no great woman artists?*, Linda Nochlin (1971) aponta vários questionamentos, como esta ausência das mulheres no discurso oficial da história da arte. Esta invisibilidade das mulheres é reconhecida por um dos professores entrevistados. Um deles afirma que: *“Elas estão sempre às margens, são as musas, são as modelos, são as pessoas que escrevem, as que influenciam, mas dentro dessa história que é eurocentrista, judaica, cristã é o homem que prevalece até ali no modernismo”*.

Em conformidade à colocação do entrevistado, Mayayo (2005, 2003, p. 21 apud LOPONTE, 2005, p. 247) analisa que “a relação entre as mulheres e a criação artística na cultura ocidental baseia-se na ‘hipervisibilidade da mulher como objeto da representação e sua invisibilidade persistente como sujeito criador”

Dentre as respostas coletadas desta primeira questão, alguns professores ressaltaram a presença das mulheres na contemporaneidade, seja como artistas ou como galeristas, *marchand*, críticas de arte ou pessoas que escrevem sobre arte. Sendo assim, algumas artistas contemporâneas foram lembradas, como, por

exemplo, Adriana Varejão, Regina Silveira, Daniela Seixas e artista performática Marina Abramovic.

A segunda questão feita aos professores procurou saber se os mesmos abordam questões de gênero em suas aulas no curso de Artes Visuais e, se sim, como isso acontece. Três dos nove entrevistados afirmaram que não trabalham questões de gênero em suas disciplinas - apenas quando a discussão de alguma forma surge em sala de aula, o assunto é sim debatido e discutido entre alunos e professores. Um dos entrevistados que respondeu não trabalhar ressaltou ainda a importância de destacar essas questões quando cita o período de 1960/70. Também é importante destacar as disciplinas de Performance e Intervenção e Linguagem Teatral, que por serem linguagens artísticas que trazem o corpo como suporte para a arte. Conforme um dos entrevistados, estas disciplinas acabam por trazer essas questões contemporâneas ligadas à identidade e, *“esse olhar diferenciado para as “performatividades” dos artistas.”*

Dentre os outros seis professores que asseguraram abordar essas questões em suas aulas, alguns deles afirmaram que este tema não é abordado na perspectiva do currículo, porém o mesmo acaba por aparecer quando alguns artistas, que, por exemplo, trazem em seus trabalhos essa temática, são apresentados. Janaina Tschäpe é um exemplo de artista citada pelos professores. Um *videoart* da artista, que foi mencionado em uma das entrevistas, começa com a artista falando: *“Meu nome é Janaina e por isso que eu trabalho com uma mulher na água.”* O entrevistado ainda ressaltou que *“ela (a artista) remete a Janaina e a todo um imaginário que é brasileiro, cultural e do folclore e a relação entre a produção artística dela e com o nome dela.”* Esta afirmação me faz pensar na relação entre a arte e a vida, e a forma como a experiência do artista, os seus anseios e o seu cotidiano acabam por influenciar diretamente ou indiretamente o seu trabalho. Como afirma Santos, *“a arte feminista aproxima o espectador a um espaço de intimidade, desvelando o cotidiano feminino que é referenciado em experiências vividas pelas próprias artistas”* (SANTOS, 2010, p. 34 apud FRICKE, 2012, p. 17).

A terceira pergunta buscou investigar como os entrevistados entendem a relação entre arte e gênero. Um apontamento importante foi de que arte e gênero são duas coisas distintas. O que acontece, segundo alguns dos entrevistados, é que os e/ou as artistas, seja qual for sua condição sexual, acabam *“externalizando”* conflitos que, muitas vezes, vivem em seu cotidiano. Um dos entrevistados afirmou

que *“as questões de gênero, ou as ideologias de gênero, ou os problemas de gênero, são melhores apresentados a partir de um olhar ou de uma linguagem (das diversas linguagens) da arte.”* Como vimos nas colocações anteriores, alguns exemplos de artistas mulheres evidenciam que suas produções artísticas manifestam os conflitos vividos em seus dias a dia, muitas vezes mostrando suas condições de ser mulher. Vale destacar que isso não é uma regra, mas em muitas produções artísticas acaba por se aplicar.

Esta relação entre a arte e a vida foi destacada por um dos professores entrevistados, que declarou que *“a vida está muito impregnada pela arte e a arte está muito impregnada pela vida.”* Seja esta vida do artista ou do espectador, ela traz consigo diversas questões. Questões essas que permeiam dimensões políticas, identitárias, que são perpassadas pelo gênero.

Dentre as questões levantadas pelos professores está a arte contemporânea. Segundo um dos entrevistados, na arte contemporânea essas questões, discutidas anteriormente, ganham um espaço maior com as linguagens artísticas cada vez mais híbridas, nas quais o olhar do espectador é provocado para novas discussões, novos desafios e novos olhares. De acordo com um professor, passam a existir questionamentos, como *“de quem é esse corpo que está a produzir arte? Que corpo é esse? É homem? É mulher?”*. Sobre essas questões, um outro professor ainda citou o livro *Água Viva*, de Clarice Lispector, no qual, segundo ele, essas questões de gênero desaparecem: *“não importa se é um homem e uma mulher, é antes da linguagem é antes de dar um nome, que aquilo é homem ou mulher”*.

Ainda nesta terceira pergunta, surgiu a indagação sobre como levar para a escola estas questões que permeiam a arte mesmo sabendo que, nos espaços de formação, ainda nos deparamos com os tabus do gênero. Estes entrevistados consideram este tema *“de difícil compreensão”*, mas que deve ser cada vez mais debatido e discutido, para que assim possamos melhor compreendê-lo de forma a inseri-lo nas aulas. Segundo um professor, *“aqui (na universidade) é o lugar, o lugar da diversidade, do debate, lugar da gente pensar e eu não digo nem da perspectiva da aceitação, mas na perspectiva da discussão do compreender.”*

A questão seguinte feita aos entrevistados foi referente à recepção dos alunos quando se apresenta a produção de artistas mulheres. Dentre as respostas recebidas, a grande maioria afirmou que não há um preconceito por parte dos

acadêmicos e nem uma diferenciação, sendo que a recepção acontece de forma calorosa. Foi destacada, em algumas respostas, a curiosidade dos alunos, que se surpreendem ao verem que as mulheres fizeram parte da história como seres atuantes e que suas marcas estão presentes. Então, quando é apresentado em sala de aula artistas mulheres presentes na história, por exemplo, quebra-se aquele imaginário de que a mulher é apenas uma alegoria, a musa ou a modelo. Infelizmente, os registros históricos são ainda poucos e assim são trabalhadas em aula sempre as mesmas artistas. Quando avançamos um pouco mais na história da arte, nós percebemos outras artistas mulheres com um registro cada vez mais denso. Isso acontece já no modernismo, quando as mulheres chocam pelas suas produções, por se representarem de modos inusitados, por exporem o que não é socialmente esperado por uma mulher na época, entre muitas outras questões. Um bom exemplo disso é a artista mexicana Frida Kahlo, já citada neste trabalho. Um dos entrevistados contou que, quando o filme *Frida*, uma biografia da artista, é apresentado em sala de aula, acaba por chocar os alunos e o que eles mais percebem são as questões ligadas a relacionamentos interpessoais, homem/mulher, casamento/traição, amor/sofrimento, essas dicotomias socialmente construídas.

Outro exemplo citado pelos entrevistados nesta questão foi o da artista Marina Abramovic, também já citada anteriormente. A artista utiliza seu próprio corpo para produzir arte. O uso deste corpo feminino choca o público a partir do momento que ele é exposto e explorado. Por consequência disso, questões ligadas à religião, política, erotismo, dor, solidão e até mesmo gênero são expostas no trabalho desta artista, assim como no de outras artistas contemporâneas.

A penúltima questão do questionário buscou perceber se os professores têm acompanhado as discussões referentes à inserção do termo gênero nos documentos norteadores para a educação. Na questão apresentada, cito como exemplo a Proposta Curricular de Santa Catarina, que traz na sua atualização em 2014 questões ligadas à diversidade, inclusive a de gênero. Dentre os nove professores entrevistados, três afirmaram não ter acompanhado essas discussões e dois disseram estar acompanhando, porém de forma não integral.

Dentre os quatro professores que têm acompanhado essas questões, surgiram alguns apontamentos como, por exemplo, a dificuldade de ser compreender o real significado deste termo. Um professor entrevistado afirmou: *“Partindo já da nomenclatura que se dá, porque a gente vê que tem problemas de*

gênero e será que isso é um problema? Tem ideologia de gênero e será que isso é uma ideologia? Tem questões de gênero e quais são estas questões? E a palavra por si só, gênero, porque ela pode ser confundida com gênero literários, com gênero da questão do feminino ou masculino, então fica uma coisa muito ampla.”

As respostas ainda apontaram que é preciso partir de questões simples para que depois possa surgir uma discussão mais profunda e mais abrangente. Inclusive em outras respostas, foi ressaltado que este momento que estamos vivendo é um momento de mudanças, onde se busca conquistar mais direitos, para que assim todos os indivíduos, mesmo com suas diferenças sociais e culturais, possam ter as *“mesmas condições de cidadão e de cidadania”*. Penso que se este é um momento de mudanças, precisamos olhar para nossas ações como corpo docente e discente, e perceber se estamos preparados para ir ao encontro a essas mudanças.

Por fim, a última questão desta entrevista feita com os professores do curso de Artes Visuais procurava saber qual é a opinião destes docentes em relação ao uso do termo gênero nestes documentos norteadores para a educação e em relação a inserção deste tema nas aulas. Pude perceber que todos acreditam que este deve sim ser um tema presente nas escolas, inclusive nas aulas de Artes, porém cada resposta ressalta aspectos muito importantes em relação à abordagem deste tema. O primeiro ponto a ser ressaltado, e que já foi tratado anteriormente, é a falta de compreensão do que realmente este termo significa e como isso acaba por causar, de certa forma, equívocos e preconceitos. Em relação a este ponto, Scott ressalta que:

o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens (1989, p. 19).

Também é relevante citar que um dos entrevistados afirmou que a presença destes termos, em específico nos documentos norteadores para educação, auxilia e contribui para que cada vez mais possamos avançar nessa discussão. A respeito da inserção deste tema nos documentos, um dos entrevistados ainda fala que *“talvez no momento seja muito necessário pra que se crie uma visibilidade tão grande sobre isso que ninguém mais consiga esconder essa discussão”*. Sobre essa luta por visibilidade e por espaço dentro dos ambientes escolares, Coutinho e Loponte (2015) apontam que, nestes ambientes, por haver uma preocupação em

disciplinar e normalizar os indivíduos, há certa dissimulação e negação perante estes temas, e que é possível adotar estratégias para que essa discussão ganhe seus espaços. Uma estratégia apontada por elas é a de “organizar outras força resistente dentro dos esquemas da própria escola, no interior dos planejamentos, dos programas, da docência em arte, que busque a superação dessa contradição” (COUTINHO; LOPONTE, 2005, p. 187).

Devido à presença deste tema nas escolas, outras questões do cotidiano são problematizadas por um entrevistado: *“na infância qual é a cor da menina? Por que a cor rosa? Por que o brinquedo da menina tem que ser a vassoura, a boneca e o menino é o carro, é a rua é a liberdade. Por que a gente mantém isso por tantos anos?”*. Outro sujeito de pesquisa ainda defende que este tema não seja algo encaixado no currículo, como um conteúdo, mas sim como uma discussão que ocorra paralelamente às aulas. Ainda como resposta, um entrevistado ressalta que *“essa discussão se ela esta gerando polêmica e dúvidas nessa sociedade ela precisa entrar em debate e a escola é o lugar institucionalizado para essas discussões, o adolescente e a criança eles vão buscar informações em outros lugares, então eu vejo que numa aula de arte a questão de gênero pode estar presente quando eu apresento uma produção de uma artista feminina, por exemplo, eu posso discutir gênero, eu posso fazer eles pensar por que não ouve, não aparece a mulher anteriormente”*.

Sobre a presença dessas discussões em sala de aula, em especial nas aulas de Artes, Coutinho e Loponte (2015) listam alguns argumentos que apoiam a adoção de produções artísticas de mulheres na contemporaneidade no trabalho pedagógico. Dentre estes argumentos estão:

Desacostumar os olhos das presenças naturalizadas do feminino, das composições ligadas aos conceitos classistas e convencionais, lançando novas representações de temas cotidianos e aproximando da realidade vigente, apresentando, assim, uma nova escritura visual – arte contemporânea – sintonizada com seu tempo e representativa de uma genealogia do presente (2015, p. 187-188).

Os professores entrevistados, assim como os acadêmicos, compreendem que a discussão sobre gênero é importante, e deve ser inserida em sala de aula. A presença de mulheres artistas passa a ser evidenciada a partir do século XX; antes deste período, há pouco material disponível sobre as produções de arte de mulheres. Apesar do interesse sobre o tema, os sujeitos da pesquisa afirmaram, de forma geral, ter muitas dúvidas sobre o conceito de gênero e sobre a

forma de abordá-lo. Neste sentido, é proposto neste TCC um projeto de curso sobre arte e gênero, que é descrito no próximo capítulo.

7 PROPOSTA DE CURSO: ARTE E GÊNERO: REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES

7.1 EMENTA

Origens e história do movimento feminista; Conceito e uso de gênero; A presença das mulheres artistas na história da arte e na contemporaneidade; Gênero e educação.

7.2 CARGA HORÁRIA

20 horas

7.3 PÚBLICO-ALVO

Acadêmicos do Curso de Artes Visuais da UNESC.

7.4 JUSTIFICATIVA

Este projeto de curso surge como uma possibilidade para novos caminhos a serem percorridos por esta pesquisa, que foi realizada com o objetivo de investigar se os alunos de Artes Visuais Licenciatura se apropriam da arte produzida pelas artistas mulheres e isso tem reflexo na sua formação. Após essa investigação, alguns pontos relevantes foram analisados, e influenciaram esta proposta de curso.

Estes pontos ressaltados pelos discentes e docentes me fizeram perceber que há no curso uma necessidade de se discutir e de se refletir sobre a produção de artistas mulheres e as questões que envolvem gênero. Apesar de a produção artística de mulheres já serem apresentadas em diversas disciplinas, como citam os acadêmicos e professores, quando se apresentam essas produções, seu teor político e social, muitas vezes, não é ressaltado. Sendo assim, questões de gênero, o próprio movimento feminista e suas consequências no campo das artes acabam por passar despercebidos.

Percebe-se que a produção de mulheres artistas tem crescido e ganhado cada vez mais visibilidade na contemporaneidade. No entanto, muitas questões trazidas por elas ainda são de compreensão de poucos. Segundo Barbosa (2010), “o

percentual de estudantes do sexo feminino é alto, principalmente nas ciências humanas; e nas artes, elas constituem 82% do corpo discente”, mas quando abrimos os livros nos deparamos com artistas homens, chamados pela história de “grandes mestres”. Essa falta de registros de mulheres artistas na história da arte é ressaltada por boa parte dos professores entrevistados, que também afirmam que o acesso a informações sobre artistas mulheres do passado é difícil, pois o registro histórico é quase inexistente.

Outro ponto ressaltado pelos entrevistados é a polêmica, o preconceito e falta de compreensão acerca do termo gênero e o seu uso, principalmente no âmbito da educação, e a importância de se discutir e dar cada vez mais visibilidade a este tema. Sobre este aspecto Scott (1989, p.19), afirma que:

O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

Foi pensando nestes aspectos que proponho neste curso momentos de discussão, leituras, reflexões e produção artística, a fim de que os participantes possam ampliar o seu conhecimento pessoal em relação à produção de arte de mulheres artistas, as questões de gênero e que possam também se perceber como sujeitos em formação e transformação.

7.5 OBJETIVO GERAL

Propiciar momentos reflexivos, de discussão e de debates, que busquem ampliar o conhecimento pessoal acerca da produção de artistas mulheres e as questões de gênero, buscando assim perceber-se como um sujeito em formação e em transformação.

7.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar conceitos sobre gênero, por meio de textos de autores que são referências no assunto;
- Discutir o conceito de gênero e a inserção deste tema nos documentos norteadores para a educação;
- Conhecer o movimento feminista e suas implicações no campo das artes;

- Ampliar o repertório artístico e cultural acerca da produção de artistas mulheres;
- Realizar uma produção artística, colocando-se como sujeito ativo na sociedade contemporânea.

7.7 METODOLOGIA

Este curso é composto por cinco encontros, sendo que estes acontecerão semanalmente. No primeiro encontro deste curso, apresento aos participantes esta pesquisa, relatando aos mesmos como foi escrever o referencial teórico, quais livros e artigos foram usados e quais os autores dialogam sobre o assunto. Nesta apresentação, também serão relatados alguns aspectos da pesquisa de campo, sendo que neste ponto falo sobre a metodologia utilizada e apresento os dados coletados.

Neste mesmo encontro, realizo uma apresentação em Power Point com algumas artistas mulheres, que trazem para suas produções questões ligadas a gênero e ao feminismo. Dentre as artistas a serem apresentadas estão as que trago no capítulo três desta pesquisa, Judy Chicago, Joana Vasconcelos e o grupo *Guerrilla Girls*. Trago também as artistas citadas pelos entrevistados desta pesquisa, como, por exemplo, Frida Kahlo, Adriana Varejão, Janaina Tschäpe e algumas artistas que possuem registro na história da arte, que também foram citadas pelos professores entrevistados, como, por exemplo, Artemísia Gentileschi, Tamara de Lampicka, Suzanne Valadon, Camille Claudel, entre outras.

Para encerrar este encontro, proponho a leitura seguinte texto “*Gênero: uma categoria útil para análise histórica*”, de Joan W. Scott,¹² e “*Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil*”, de Maria Eulina P. de Carvalho e Glória Rabay¹³. A leitura destes dois textos auxiliará os

¹² CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 23, p.119-136, jan./abr. 2015.

¹³ SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In.: – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. 42 Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2015 às 15h50min

participantes na compreensão de alguns termos a serem utilizados na palestra do encontro seguinte. Lembro também que os participantes devem anotar questões e pontos que julgarem relevantes do texto para um debate posterior.

No segundo encontro deste curso, acontece uma palestra com a professora Dra. Giani Rabelo, que leciona a disciplina de Gênero e Educação, no Mestrado em Educação da UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Neste encontro, a professora expõe aos participantes questões e discussões atuais que envolvem gênero e educação, traz alguns autores importantes para esse contexto e finaliza a palestra com questionamentos e dúvidas dos participantes.

No terceiro encontro deste curso, solicito aos participantes que apresentem ao grupo os trechos que julgaram importantes dos textos apresentados no primeiro encontro, ou as dúvidas e incompreensões que obtiveram com a leitura dos mesmos. Solicito também que, se possível, façam relações com a palestra do segundo encontro.

Para realizarmos e visualizarmos melhor os pontos ressaltados pelos participantes, sugiro ao grupo que façamos juntos uma dinâmica diferente. Solicito que pensem em palavras-chave que estejam relacionadas aos pontos ressaltados no texto e na palestra. À medida que os participantes forem fazendo seus comentários, os mesmo serão convidados a compartilharem estas palavras-chave em um painel exposto no local do encontro. Assim que todos os participantes exporem suas palavras-chave e terminarem suas falas, juntos analisaremos as palavras que foram trazidas para o grande grupo.

Na segunda parte deste encontro, apresento aos participantes alguns materiais como, por exemplo, câmera fotográfica, papéis coloridos, arame, tecidos, linhas, agulhas, tintas, pincéis, argila, entre outros materiais comuns do cotidiano, para que possamos pensar em uma produção artística. A proposta é realizarmos uma produção artística individual, como forma de proporcionar uma reflexão sobre que sujeito somos, em qual espaço dessa sociedade nos encontramos, qual nossa participação como cidadãos e como nos sentimos em relação a outros sujeitos. Solicito que, junto à produção artística, o participante escreva algo sobre a sua produção e seu conceito, para esta escrita que possa ser compartilhada com os demais juntamente com a produção.

Convido os participantes a pensarem se gostariam de expor suas produções em algum espaço da universidade e, se sim, que sugiram um espaço e

apresentem como gostariam de expor sua produção. Lembro-os também que a exposição acontecerá em poucos dias. Essa proposta se inicia neste encontro e será finalizada no encontro seguinte.

O quarto encontro é todo destinado à produção artística e à produção do texto referente à mesma. Os participantes ficam livres para buscar novos materiais, novos suportes e outros elementos que julgarem necessários. No final deste encontro, pensamos como realizar a exposição com as produções. Pensamos juntos em um espaço dentro da universidade, onde a exposição possa ficar durante um ou dois dias.

O quinto e último encontro é o dia da exposição, a ser montada um dia antes por mim e pelos participantes que possam estar presentes. São convidados para a exposição os acadêmicos e professores do curso de Artes Visuais e o público externo. A abertura da exposição acontece no período noturno, pois há um número maior de pessoas do curso circulando pela universidade, permanecendo por mais um ou dois dias no local escolhido.

Encontro	Tema	Atividades
1º. Encontro	Conhecendo a pesquisa e algumas artistas mulheres.	Leitura seguinte texto <i>“Gênero: uma categoria útil para análise histórica”</i> de Joan W. Scott e <i>“Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil”</i> de Maria Eulina P. de Carvalho e Glória Rabay
2º. Encontro	Gênero e Educação	Palestra com a professora Dra. Giani Rabelo
3º. Encontro	Gênero e Educação	Debate e discussão. Início da produção artística.
4º. Encontro	Oficina	Encontro para produção artística.

5º. Encontro	Exposição artística.	Montagem da exposição e momento de socialização, debates e discussões de ideias.
--------------	----------------------	--

8 CONSIDERAÇÕES

Com a aplicação dos questionários com os acadêmicos, da sexta e da oitava fase, e com as entrevistas realizadas com professores do Curso de Artes Visuais da UNESC, pude investigar de forma ampla como está sendo abordada a produção artística de mulheres. Pude perceber também de que forma essa abordagem nas aulas influenciam e auxiliam na formação destes acadêmicos para uma futura atuação docente.

Nota-se que há um interesse e uma preocupação com relação ao tema tanto por parte dos professores, que durante a entrevista se dispuseram a compartilhar suas opiniões e conhecimentos, quanto por parte dos alunos que, por meio do questionário, compartilharam suas preocupações e interesses. Com o desenvolvimento desta pesquisa, percebi que a produção artística de mulheres é abordada no Curso de Artes Visuais - Licenciatura, porém, dependendo da disciplina, isso se torna mais fácil ou mais difícil devido aos registros históricos que temos sobre as artistas mulheres na história.

Em relação a como esta sendo abordada a produção artística de mulheres, percebi que um número relativamente grande de acadêmicos percebe a produção das artistas com uma presença mais forte na contemporaneidade. Muitos professores também ressaltaram que as produções de mulheres artistas ganham com a arte contemporânea. Com os dados desta pesquisa, também percebi a importância de se debater e discutir questões de gênero e arte e gênero e educação, já que muitos acadêmicos enfatizaram a presença deste tema nas produções artísticas contemporâneas e as dúvidas sobre como abordar e discutir este tema em sala de aula.

É importante ressaltar que mais de 91% dos acadêmicos entrevistados julgam importante que o curso aborde discussões e debates sobre este tema, ainda que tenham levantado um número grande de disciplinas que abordam estas discussões. Por meio de entrevistas realizadas com professores, percebe-se que há também por parte deles um interesse em relação aos estudos sobre este tema.

Neste sentido, acredito que a pesquisa contribuiu para demonstrar a necessidade de um olhar mais sensível para a produção artística de artistas mulheres e para o espaço conquistado por estas artistas ao longo da história. Mesmo que possam ser observadas conquistas, ainda há que se questionar se o

campo da arte, assim como todos os demais setores da vida social, está aberto para uma maior visibilidade e um papel mais ativo das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263 p.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, A.M. **Uma questão de política cultural: mulheres artistas, artesãs, designers e arte/educadoras**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 19, 2010. Cachoeira (Bahia). p. 1979 – 1988.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. **Revista Digital Art&**, São Paulo, v. 1, n. 00, out. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/artigos.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2015.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5. ed. Petropolis, RJ: Vozes, [2006]. 516 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p.601-607, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8643>>. Acesso em: 09 nov. 2015.
- BRASIL Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: DP&A 1997. 130 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 436 p.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 5692/71**. Brasília: 1971.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- COLI, Jorge; Lars Erik Gustav Unonius. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006. 131 p.
- CONTRAMARÉ. 2015. **O jantar**. 1974-79 Disponível em: <<http://www.contramare.net/site/wp-content/uploads/2015/07/9b06f-dinner-party.jpg>>. Acesso em: 09 nov. 2015.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos**

Feministas, Florianópolis, v. 1, n. 23, p.119-136, jan./abr. 2015.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes Visuais e Feminismos: Implicações pedagógicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 23, p.181-190, jan./abr. 2015.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria queer. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 7. p. 277-291.

FACCHINI, Regina. Falsa Ameaça. **O Estadão**. São Paulo. 18 jul. 2015. Disponível em: <<http://m.alias.estadao.com.br/noticias/geral,falsa-ameaca,1727566>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

FERREIRA, Renata Wirthmann G. and RIVERA, Tania. **Alternância e desejo na feminilidade e na obra de Frida Kahlo**. *Psicol. USP* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp. 235-257. ISSN 0103-6564.

FRICKE, Mabel. **O feminino contrariado na arte**. 2012. 52 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. 2.ed São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed São Paulo: Ed. Atlas, 1996. 159 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 107 p.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

GUERRILLA GIRLS (EUA). **GUERRILLA GIRLS**. Disponível em: <<http://www.guerrillagirls.com/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

ISTO É. **Ninguém**. 1992. Disponível em: <http://content-portal.istoe.com.br/istoeimagens/imagens/mi_16951964610263504.jpg>. Acesso em: 02 dez. 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero, Educação e Docência nas Artes Visuais. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 30, p.243-259, jul/dez 2005.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência. **Currículo Sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p.148-164, jul/dez 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. p. 85-93.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 16. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p. (Coleção temas sociais).

NEW YORK. MU. . **Autorretrato com Cabelo Curto**. 2015. Disponível em: <http://www.moma.org/wp/moma_learning/wp-content/uploads/2013/08/Kahlo-Self-Portrait-with-Cropped-Hair-276x395.jpg>. Acesso em: 02 dez. 2015.

NEW YORK. MU. . **Sem título #198**. 1989. Disponível em: <http://www.moma.org/wp/moma_learning/wp-content/uploads/2013/08/Kahlo-Self-Portrait-with-Cropped-Hair-276x395.jpg>. Acesso em: 02 dez. 2015.

RIBEIRO, Bruna da Silva. Eu sou a minha própria musa: reflexões sobre o processo artístico feminino na história da arte. 2015. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Bacharelado, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.
SANTA CATARINA.

SANTA CATARINA, Governo do Estado de. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Formação integral na educação básica. 2014. Disponível em: <http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf>. Acesso em: 13 set. 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. In.: – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. 42 Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2015 às 15h50min

SILVA, Anielson Barbosa da; GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. 460 p.

TRIZOLI, T. **O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17, 2008. Florianópolis. p. 1495 – 1505.

TUMBLR. **Your comfort is my silence**. 1981. Disponível em: <https://40.media.tumblr.com/tumblr_mco2pt8EfC1riiivjo1_500.jpg>. Acesso em: 02 dez. 2015.

VERAS, Luciana. **Quem tem medo de arte contemporânea?**: Conceito, ideia, referência, hibridização, termos que entraram em definitivo na vocabulário da arte, pedem ao espectador outra forma de ver e pensar a produção atual. **Revista Continuum: Itaú Cultural**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, p.06-11, dez. 2007.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: Autores Associados, 1998. 107

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Questionário aplicado com os/as acadêmicos/as da sexta e oitava fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura

Questionário para os/as alunos/as do Curso de Artes Visuais – Licenciatura

- 1) Na atualização da Proposta Curricular de Santa Catarina e em outros documentos norteadores para a educação, a diversidade (biológica, religiosa, sexual, cognitiva, cultural, étnica, territorial, dentre outra) é um tema presente. Você sabia que a diversidade de gênero é um dos assuntos a serem debatidos e compreendidos no ambiente escolar?

() Sim

() Não

- 2) Você sabe do que tratam os estudos sobre gênero?

() Sim

() Não

- 3) Você já presenciou debates e discussões sobre gênero em alguma disciplina do curso de Artes Visuais?

() Sim

() Não

Se sim, cite as disciplinas.

- 4) Você considera importante que o curso aborde discussões sobre arte e gênero?

() Sim

() Não

Por quê?

- 5) Em quais disciplinas você percebe a inclusão da produção de arte de mulheres?

- 6) Nas disciplinas citadas acima, de que forma a produção artística de mulheres é abordada?

- 7) Em suas experiências em estágio em sala de aula, já realizou alguma atividade com os alunos sobre gênero?

() Sim

() Não

Se sim, cite as atividades.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista realizada com os/as professores/as do Curso de Artes Visuais – Licenciatura

- 1) Você aborda a produção artística de mulheres em suas aulas? De que forma?
- 2) Você aborda questões de gênero em suas aulas no curso de Artes Visuais da UNESC? Como?
- 3) Como você entende a relação entre arte e gênero?
- 4) Quando você apresenta a produção de arte de mulheres, como é a recepção dos alunos?
- 5) Atualmente há diversas discussões sobre o uso do termo gênero nos documentos norteadores para a educação como, por exemplo, a proposta curricular de Santa Catarina. Você tem acompanhado estas discussões?
- 6) Qual é a sua opinião, sobre a presença do termo gênero nos documentos e a inserção deste tema nas aulas?

ANEXO(S)

ANEXO A – Autorização - Uso de Falas e Escritas**AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS e ESCRITAS**

Eu, _____,
portador(a) do RG _____ (nº da identidade) autorizo a utilização de
minhas falas e/ou escritas, e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados
na pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso de **Catarina Siqueira
Figueredo**, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura, que tem
como objetivo investigar de que forma a produção de artistas mulheres está sendo
abordada nas disciplinas do curso, e se isso tem reflexo na formação dos
acadêmicos, orientado pela professora Viviane Kraieski de Assunção. Os dados
referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados.

Atenciosamente,

Assinatura

ANEXO B – Autorização - Uso de Falas e Escritas**AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS E ESCRITAS**

Eu, _____,
portador(a) do RG _____ (nº da identidade) autorizo a utilização de
minhas falas e/ou escritas, e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados
na pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso de **Catarina Siqueira
Figueredo**, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem
como objetivo investigar de que forma a produção de artistas mulheres está sendo
abordada nas disciplinas do curso, e se isso tem reflexo na formação dos
acadêmicos.

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, ____ de _____ de 2015.